

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE – ICHCA  
CURSO DE JORNALISMO**

**MÍDIA CERCADA: PRODUÇÃO DE  
SENTIDOS NOS DISCURSOS DO EX-PRESIDENTE BOLSONARO À IMPRENSA**

**Mirella Bezerra da Silva**

**MACEIÓ  
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE – ICHCA  
CURSO DE JORNALISMO**

**Mirella Bezerra da Silva**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado à Universidade Federal de Alagoas  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo sob orientação da Profa.  
Dra. Lídia Ramires.

**MACEIÓ  
2023**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586m Silva, Mirella Bezerra da.  
Mídia cercada : produção de sentidos nos discursos do ex-presidente  
Bolsonaro à imprensa / Mirella Bezerra da Silva. – 2023.  
48 f. : il. color.

Orientadora: Lídia Ramires.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 47-48.

1. Discurso. 2. Jair Bolsonaro. 3. Jornalismo. I. Título.

CDU: 070

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, pelo apoio, pela escuta e por todo o desafio lançado. Ao meu esposo, Frantcheco Porciúncula Dias Pinto, pela presença inigualável, pelo abraço nos dias difíceis. Amo vocês! À minha orientadora, Profa. Dra. Lídia Ramires, por entender as limitações e honrar ajuda nas horas de incerteza. Aos meus professores da Ufal e da Unit por toda a construção ao longo dessas duas graduações tão desejadas. Aos colegas de profissão, por travarem uma batalha incansável nessa pandemia. Aos meus professores, aos que resistiram ao ensino remoto, eternamente grata às milhares de horas de *meet* nestes períodos excepcionais; foram neles que pude a mais de 3.000km de distância, fincada em terras amazonenses, me fazer jornalista.

**“Era como se aquele viver remetesse à urgência de todos os outros, porque aquela era a vida de todas as vidas a partir da minha. E então me transformei em jornalista.”**

*(Eu virei Jornalista, SJPMG)*

## RESUMO

Este trabalho observa, através dos discursos do Ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, na série “Cercados”, a postura discursiva face aos jornalistas diante do cenário pandêmico da COVID-19, no Brasil. O *corpus*, construído através da identificação das ameaças e silenciamento à classe resulta em pressupostos teóricos capazes de compreender o contexto histórico-social que o discurso compõe, e como estes justificam posicionamentos político-ideológicos em confrontos com a mídia.

**Palavras-chave:** Discurso. Coronavírus. Bolsonaro. Cercados. Jornalismo

## **ABSTRACT**

This work observes, through the speeches of Ex-President Jair Messias Bolsonaro in the series “Cercados”, his discursive posture towards journalists in the face of the pandemic scenario of COVID-19 in Brazil. The corpus, built through the identification of threats and silencing to the class, results in theoretical assumptions capable of understanding the historical-social context that the discourse composes, and how these justify political-ideological positions in confrontations with the media.

**Keywords:** Speech. Coronavirus. Bolsonaro. Surrounded. Journalism

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – SD [01-03] .....	22
Quadro 2 – SD [04-07] .....	24
Quadro 3 – SD [08-09] .....	27
Quadro 4 – SD [10-14] .....	31
Quadro 5 – SD [15-21] .....	34
Quadro 6 – SD [22-38] .....	39



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casos de violência contra a imprensa registrados no Brasil em 2020 – agressores .....	11
Figura 2 – Bolsonaro proferindo <i>fake news</i> sobre a hidroxicloroquina .....	13
Figura 3 – Capa e Ficha Técnica do Documentário “Cercados” na plataforma do Globoplay .....	15
Figura 4 – Bolsonaroistas insultam e atacam verbalmente jornalistas no “cercadinho” .....	16
Figura 5 – Casos de violência contra a imprensa registrados no Brasil em 2020 – Tipos de violência.....	17
Figura 6 – Frame SD [01-03].....	23
Figura 7 – Frame SD [04-07].....	26
Figura 8 – Frame SD [08-09].....	28
Figura 9 – Óbitos por milhão de habitantes na Argentina, Brasil e Suécia.....	29
Figura 10 – Frame SD [10-14].....	32
Figura 11 – Frame SD [15-21].....	35
Figura 12 – Gráficos do Relatório da ABRAJI-Brasil - Jan-Dez 2020 .....	37
Figura 13 – Mapa da distribuição do cercado no Alvorada visto de cima.....	38
Figura 14 – Frame SD [22-38].....	41

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LUZ, CÂMERA, CERCADOS	14
3. OS SENTIDOS: A ANÁLISE	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

## 1. INTRODUÇÃO

Numa corrida eleitoral marcada pela grande propagação de *fake news* e disputas judiciais, a candidatura do então atual presidente eleito do Brasil, capitão da reserva do exército, Jair Messias Bolsonaro (PSL) foi orientada por caminhos turbulentos, desafiadores e desrespeitosos aos que fazem a imprensa brasileira. Orgulhosamente inspirado nos EUA, bem como na vitoriosa e polêmica campanha de Donald Trump em 2016, Jair Bolsonaro travou batalhas em favor da perseguição à imprensa desde sua posse, então evidenciadas pela crise da Covid-19.

Desmoralizar e insultar os jornalistas se tornou não somente um *hobby* para o presidente, mas uma metódica estratégia discursiva que buscou implantar uma desestruturação na credibilidade jornalística.

Quando em 2020, cercado pela epidemia do Covid-19 e com a maior baixa de popularidade até então, Jair Bolsonaro reformulou sua estratégia de comunicação e passou, intencionalmente, a alimentar a base dos seus discursos sob uma estrutura cristofascista<sup>1</sup> baseada num discurso fundamentado em silêncios e negações, em divisões de fala que organizam e tornam funcional à significação os posicionamentos dispersos e vazios de suas falas, que calculadamente reforçam a propaganda favorável à eliminação de seus adversários e a construção de um estado de exceção, como sugere Fábio Py, autor de “Pandemia Cristofascista” (2020).

Em 25 de fevereiro, é notificado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil, o vírus começou a ser transmitido localmente e países da Europa já adotavam o protocolo de isolamento aliado à medidas que colaborassem na contenção do vírus, ainda assim, em 15 de fevereiro de 2020, Bolsonaro já descumpria recomendações do Ministério da Saúde, enquanto em encontros com manifestantes no Palácio da Alvorada começava a trilhar um caminho de total negação não somente as recomendações sanitárias internacionais naquele momento já estabelecidas, mas também a situação desesperadora e incerta que o país já apresentava, ainda que inicialmente, em relação ao vírus.

A tensão se instaura quando, juntamente a esta postura, o presidente intensifica seu massivo desrespeito à liberdade de expressão e construção jornalística em patamares dificilmente já vistos por representantes desta posição no Brasil.

---

<sup>1</sup> O termo **critofascismo**, uma combinação de cristianismo e fascismo, foi criado pela teóloga alemã Dorothee Sölle, em 1970. Teologia política autoritária.

Posicionando-se como uma constante vítima da perseguição da imprensa, Bolsonaro passa a construir a imagem de inimigo comum sob a mídia, estabelecendo uma arena entre o bem *versus* mal. Os ataques, intensificados nas primeiras necessidades de posicionamento na pandemia, carregaram, implicitamente, sua fuga quanto a prestar contas de suas decisões, e que estas, o que não ocorreu, colaborassem com uma administração coerente com a situação pandêmica que o país enfrentava.

A FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) apresentou, em seu relatório anual de 2020, números que comprovam a violência contra a liberdade de imprensa no país. No relatório, foram 175 casos em que o próprio ex-presidente se tornou o agressor direto, o que engloba mais da metade dos casos coletados. A perseguição aos jornalistas sempre esteve presente no que se refere às entrevistas e aparições de Bolsonaro frente ao seu mandato, o que passou a refletir também nos casos de agressão física, resultando numa crescente de 105,77% de casos em 2020.

A exponencial, associada aos discursos do ex-presidente proferidos à imprensa, a fim de descredibilizá-las, começou ainda em 2019, mas agravou-se em 2020, fazendo do ex-presidente, como mostra a Figura 1, o maior e mais influente responsável pelos ataques aos jornalistas em 2020.

**Figura 1** – Casos de violência contra a imprensa registrados no Brasil em 2020 - Agressores



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/ano-de-2020-tem-recorde-de-ataques-a-liberdade-de-imprensa-desde-inicio-da-serie-na-decada-de-1990-diz-fenaj.ghtml>

Destarte, com base cristã afirmada em construção imagética durante sua campanha eleitoral, além dos incluídos discursos que circundam esta faceta, o ex-presidente preencheu seu governo e suas declarações num movimento autoritário coberto de jargões cristãos na construção de seus discursos, usando deste artifício como sustentação para seus posicionamentos neofascistas.

Falas proferidas por Bolsonaro, como a famosa “*Depois da facada não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar não, tá ok?*” reforçam os ares de arrogância e negacionismo presentes em seus posicionamentos, a ideologia da comparação da “gripezinha” à facada que o ex-presidente sofreu no atentado em 6 de setembro de 2018 durante ato eleitoral é capaz de trazer percepções quanto a sua obsessão em discursos baseados na religiosidade, trazendo a morte como algo difícil aos que creem, aos que assim, como ele, estejam do lado certo, sendo assim imbatíveis.

Sua postura retoma a níveis de autoritarismo militar, quando, ao perceber perda de apoio popular diante da pandemia, passa a adotar uma espécie de régua lexical em ações orquestradas dentro e fora do âmbito governamental. Bolsonaro passa a evocar comparações religiosas entre a figura de Cristo e a própria num reforço à construção de testemunho de um servo sofredor da nação. Este apelo à religião chega às coletivas e o discurso utiliza-se desta faceta religiosa para legitimar o posicionamento sustentado no “Cristo Europeu” supremacista e autoritário.

Já enquanto a espera da vacina assolava a nação, a transmissão do vírus, bem como a morte de milhares de pessoas tornava-se chacota nas interações do ex-presidente, o aguardo por posicionamentos e discursos que conduzissem o bem-estar geral eram inesperados a cada dia que se passava, as críticas e os ataques tomavam conta do cenário e já atingiam as mais diversas classes.

Num trajeto cada vez mais antiglobalista, Bolsonaro se posicionava como vítima de um grande futuro golpe antidemocrático, quase como uma marcha social para apedrejá-lo em praça pública. O seu não seguimento às recomendações da OMS e ONU, firmaram não somente seu viés ideológico, mas também sua governança soberana e autoritária, quase que referenciados em um universo militar.

Bolsonaro então passa a ser a figura mais concreta ao jornalismo do que seria um porta-voz de *fake news*.

**Figura 2** – Bolsonaro proferindo *fake news* sobre a hidroxicloroquina



Fonte: Cenas retiradas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Enquanto a crise sanitária passa a ser pronunciada num único turno de fala como uma “gripezinha” e o incentivo ao uso de medicamentos sem comprovação científica preenche seus pronunciamentos, a média móvel de casos registrados aumentava exponencialmente e a luta jornalista quanto a esse retrocesso se tornava cada vez mais exaustiva.

## 2. LUZ, CÂMERA, CERCADOS

A atividade jornalística que ganha reconhecimento profissional por volta dos anos 1830, buscando liberdade de imprensa, e uma caracterização de um novo valor ao exercício, lidava, já naquele momento, com o cerceamento da sua atuação numa constante luta para desprende-se de funções políticas que vislumbravam as notícias como uma mercadoria, advento de uma produção de economia e diminuição do pensamento crítico na sociedade.

Em meio a toda a adaptação dos profissionais da comunicação e a nova organização de modelo de trabalho, a cobertura jornalística sofreu além das transformações necessárias devido ao vírus, acentuações nas indagações quanto a seu propósito e sua credibilidade. A linha de instabilidade e incertezas conduzidas na sociedade pelo confinamento, abriram portas para que essa manifestação virasse rotina. A mudança no padrão habitual de funcionamento do jornalismo brasileiro surgiu como fator essencial na legitimação das acusações e falácias alimentadas pelo ex-presidente, bem como na aceleração da descredibilização do ecossistema midiático e dos constantes ataques a céu aberto.

É no documentário *Cercados*, lançado pelo Globoplay em 3 de dezembro de 2020, gravado nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Manaus e Fortaleza, que retomamos as violentas relações vividas durante a pandemia entre o ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, jornalistas e repórteres setoristas que cobriam naquele momento o Palácio da Alvorada numa espécie de “cercadinho”, como é conhecido o espaço destinado aos profissionais da imprensa no local e que deu nome ao documentário.

Indicado ao *Emmy Internacional* em 2021, o documentário perpassa por cenas do exercício da função até os infortúnios passados pelos profissionais durante as produções, bem como a rotina frenética vivida pelos repórteres no Palácio da Alvorada, nos hospitais, coletivas e redações, cenas de uma luta incessante contra um negacionismo instaurado acerca da pandemia e seus percalços.

**Figura 3** – Capa e Ficha Técnica do Documentário “Cercados” na plataforma do Globoplay



A imersão feita durante o documentário mostra a busca incessante contra a *fake news* e o frequente “desconforto” do ex-presidente em responder, de forma límpida e direta a qualquer questionamento. Cenas de constrangimento e desrespeito são comuns no cercado<sup>2</sup>, a presença de apoiadores por vezes se fez ameaça aos jornalistas, os xingamentos verbais ecoavam numa espécie de amplificação das falas de seu Senhor, assim, como servos.

Com direção e roteiro de Caio Cavechini, foram os bastidores dessa sina, de ser jornalista num governo negacionista, que entrou em cena. A “gripezinha” esboçada pelo então presidente se apresentou em milhares de mortes, enquanto representantes da saúde, da ciência e comunicação foram frequentemente silenciados. Orlandi (2007) sugere que a linguagem se fez após a pluralidade do silêncio, perspectiva funcional à religião, a “onipotência do silêncio divino”, estabelecendo primeiramente um estatuto, e logo um sentido a fala. Construindo uma comunicação fundamentada numa prática de domínio, onde se estabelece a quem se deve ouvir, seguir. “O silêncio é assim a

<sup>2</sup> Local conhecido dos jornalistas e da imprensa no geral, onde normalmente é improvisado um ambiente para um político ou porta-voz dar entrevistas na entrada e saída.



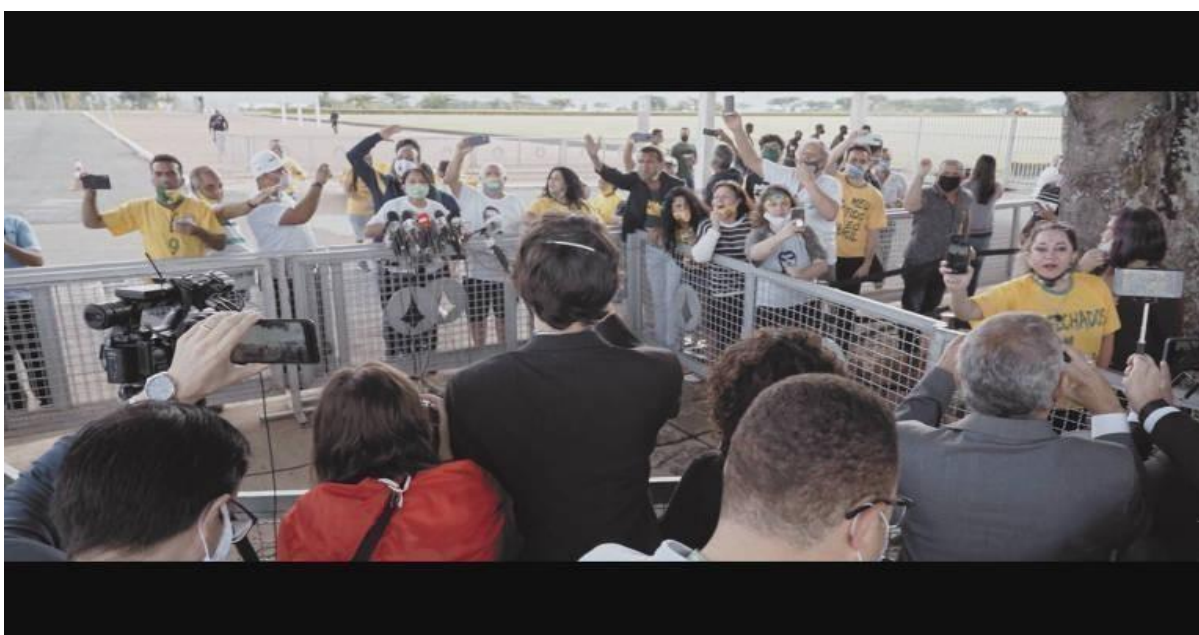
“respiração”(o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que possa significar” (Orlandi, 2007).

O que se pode reconhecer no trajeto de Bolsonaro quanto a imprensa é a censura que se instaura ao tomar a palavra do jornalista, obrigá-lo a calar, tomando de silêncio seus questionamentos é a dominação opressiva que o presidente impõe, que reforça a ideia inicial que se buscou no desenvolver de seu discurso, fundamentar o silêncio, torná-lo significante quanto ao não dito e assim, produzir signos visíveis, controlando o espaço no vazio do outro.

Para nosso contexto histórico-social, um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça, e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a ideia de silêncio como vazio, como falta. (Orlandi, 2007, p. 34)

O negacionismo junto ao silenciamento presidencial que desafiou a imprensa durante o primeiro ano pandêmico chega a ser quase palpável nas falas proferidas pelo presidente nas cenas do documentário.

**Figura 4** – Bolsonaroistas insultam e atacam verbalmente jornalistas no “cercadinho”



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Nos rumos da interação destes discursos que serão aqui transcritos do documentário, as marcas dos turnos dos entrevistadores, os jornalistas presentes naquele cercado, e o entrevistado, a figura pública de responsabilidade nacional naquele momento, também transpassam por movimentações não verbais, de função paralinguísticas, que estas, utilizadas frequentemente nos discursos proferidos não conseguem aqui ser mensuradas em sua totalidade, mas que carregam não só um comportamento, mas uma possível composição de toda estruturalização da performance destas falas, bem como fomentam o caráter intersubjetivo do que e a quem se deseja alcançar com as falas.

Segundo a FENAJ (2020), os indicadores apontam ações como descridibilização da imprensa e agressões diretas aos profissionais. Destarte, apontam-se 121 dessas práticas ofensivas aos profissionais ligadas diretamente à responsabilidade do atual presidente.

**Figura 5** – Casos de violência contra a imprensa registrados no Brasil em 2020 – Tipos de violência



Fonte: FENAJ, 2020.

Ao considerar as mais diferentes formas significantes de materializar um discurso, bem como o contexto histórico-social que o sujeito implica ter em seu universo, todo elemento da fala e comportamento será passível de simbologia, de interpretação e instrumento de persuasão.

Em Discurso Político, Patrick Charaudeau (2008), ao dialogar com vertentes ligadas a psicologia social e até mesmo a antropologia, compreende a construção do *ethos*, imagem que o locutor constrói sobre si em seus discursos, como instância de influência entre a linguagem e sua representação imagética. Para Charaudeau, para que o sujeito favoreça sua imagem e que seu discurso se torne legítimo, é criada uma identidade social pelo sujeito falante, no intuito de que esta criação, sendo ela reconhecida por outros sujeitos, torne-se assim a autorização capaz de propiciar o direito ao que é dito, além, claro, da geração de uma identidade discursiva capaz de credibilizar por completo seu comportamento discursivo. É neste cenário que os pronunciamentos e comportamentos do ex-presidente Bolsonaro se apresentam, na força de uma imagem pré-estabelecida.

Ao adentrar na Análise do Discurso, são os suportes teóricos-científicos que construirão sustentação para que se possa perceber de forma analítica as relações pré-existentes entre o discurso, a história e a ideologia estabelecidas no movimento de turnos de fala do presidente. Para a AD o sujeito compõe-se pelas movimentações e aceitações de sua linguagem, pois nela estão a completude de suas ideologias, lugares, tempo e espaço de sua formação linguística, o seu assujeitamento. A AD que entrelaça por conceitos e categorias se ampara não somente na linguística, mas também na história, no sentido e no sujeito. "A ideologia, como prática significante do já dito, aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos" (Ferreira, 2003).

Submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. (Orlandi, 2015, p. 51)

Pode-se compreender previamente que a formação da língua falada do autor resulta de uma história, um processo de efeitos da simbologia e dos sentidos presentes no imaginário e no trajeto do sujeito à enunciação por completo. Orlandi (2015) outrora levanta a discussão acerca da interpretação, quando completa que a interpretação de discurso por si já se configura uma ideologia. Então, como sugere, não há discurso sem sujeito, assim, não há também um sujeito sem ideologia. Charaudeau (2008) reforça os espaços de pronunciamentos a serem considerados nessa construção, tais como a vocalidade, que se expressam em orações corpulentas,

capazes de apresentar o emprego de seus mais diversos *ethos* que se modelam e remodelam através de sua história (quem se é) e discursos (quem se deseja apresentar).

A fim de não procurar o verdadeiro sentido, mas sim aquele que se cerca da construção linguística e histórica, usamos o dispositivo da memória, para que se compreenda os caminhos que interpelam as falas, e como estas foram capazes de ser construídas de tal forma e não de outra.

Ao compreender os discursos políticos, e estes não se remetem apenas a governantes, o autor revisa as funções dos discursos na inter-relação da cena política. Comumente discutido como um estudo transdisciplinar, a Análise do Discurso embora pareça carregar um cunho apenas linguístico, também se denomina de espaços sócio-históricos que introduzem grandes reflexões acerca do discurso. Compreende-se que o sujeito na AD produz sentido através de suas posições e com isso não se trata de uma mera transmissão de informação, pois, diante do processo de comunicar, o código e a recepção da mensagem não são estáticos, não há linearidade entre o que se enuncia e o que se decodifica, pois, como já sugerido, a construção da transmissão vai da argumentação à subjetivação, podendo ser processo de construção de uma realidade.

Por não se tratar de uma discussão breve, tampouco finalizada, a Análise do Discurso segue por diferentes interlocuções teóricas capazes de estabelecer relações entre sujeito e objeto de estudo – o discurso.

### 3. OS SENTIDOS: A ANÁLISE

Sugere-se compreender que um discurso é passível de mudança em seu sentido quando se considera de onde este parte, onde se emprega e a quem o usou. É nesta noção que teremos o entendimento da carga ideológica e da produção de efeitos. É possível utilizar a formação discursiva compreendida pela Análise do Discurso como uma transformação do sujeito do interdiscurso em uma veste ideológica. Ao analisarmos as práticas discursivas e não discursivas do sujeito não nos desfazemos da noção de ideologia, mas trazemos a formação discursiva para uma relação direta com a formação ideológica.

Em função de não procurar o verdadeiro sentido, mas sim aquele que se cerca da construção linguística e histórica, usamos o dispositivo da memória, para que se compreenda os caminhos que interpelam as falas, e como estas foram capazes de ser construídas de tal forma e não de outra. Ao compreender os discursos políticos, estes não se remetem apenas a governantes, revisamos as funções dos discursos na interação da cena política. É neste contexto que podemos compreender primeiramente as construções e reproduções de sentido na história e nos discursos do ex-presidente como sujeito-político.

Nascido em Campinas-SP, em 21 de março de 1955, Jair Messias Bolsonaro, começa sua trajetória profissional nos berços das forças armadas, trilhando por atividades atlético-militares. Em 1979, parte para o exército brasileiro, orgulho maior do ex-presidente, espaço reiterado em suas falas e posicionamentos ligados a militarização. Quando Capitão da ativa, torna-se um político, e entra na reserva somente em 1988. Casado, pai de cinco filhos, sendo, a seus olhos, os quatro homens, uma reprodução bem quista, discursiva e comportamental de sua figura, enquanto a última, a menina, “uma fraquejada” como sugeri. O descendente de imigrantes italianos e filho de Filho Percy Geraldo Bolsonaro e Olinda Bonturi Bolsonaro, ganha força na política quando se filia ao conservadorismo religioso cristão e trava uma apresentação já antipetista. Bolsonaro sempre entrelaçou seu governo em suas falas entre a política, o militarismo e a religião, quando, não tão somente amparou-se numa frente parlamentar evangélica, mas também, quando se utilizou desta imagem para associar-se a um homem de fé, um homem de bem, mesmo quando, quase sempre de forma contraditória e autoritária atacou e ampliou suas

constantes tentativas de desmoralização pública do trabalho jornalístico através de seus discursos e posicionamentos.

Ao entendermos primeiro a formação ideológica, verificamos a perspectiva da formação social capaz de transpor um “*modus operandi*” de suas relações, bem como caracteriza o contexto social em que se integra. Estas relações por si dão espaço a diferentes classes, projetam uma separação, cria antagonismo. É na formação ideológica que se constituem as representações destas classes, não de maneira individual nem tão extremamente de maneira universal, mas capaz de estabelecer relações entre estas, partindo e considerando toda a formação e conjuntura do momento do discurso.

Pêcheux (1975, p.77) relata que:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas [que] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção.

Ao considerarmos sua obscura discursividade e seus traços ideológicos, assumimos a concepção de um sujeito construtor de sua história e imagem. Orlandi, quando sugere a subjetividade, afirma que a história permite compreender como a língua acontece ao homem, e como esta é capaz de promover estudos e reflexões sobre as ideologias e formações discursivas a partir do sujeito. Esta subjetividade permite compreender efeitos do processo do dito ao não-dito discursivizado pelo ex-presidente em suas declarações, estas relacionadas à crise da Covid-19 recortadas no espaço físico-temporal do documentário Cercados (Globoplay). Com discursos que insultavam não somente a outras autoridades, Bolsonaro já proferia e instigava diversos ataques aos serviços de comunicação que, por força da tarefa, citasse seu nome. Seus traços de saudosismo à época da ditadura militar reforçaram seus pronunciamentos, alcançando não tão somente grande apoio, mas tornando-se destaque de repúdio em manchetes internacionais.

A fim de analisar este processo, foram transcritas conforme convenção para AD e interpelações à censura e à política do silêncio de Orlandi (1942), as interações e/ou a falta delas ocorridas no “cercado” entre o presidente, os jornalistas e porventura apoiadores que se expressaram durante os tempos coletados no documentário. Na busca pela resposta à pergunta de Pêcheux (1975), importante figura da AD, “Por que

dizemos o que dizemos da forma como dizemos?”, seguimos abaixo com a estruturalização em tabelas com as sequências discursivas (SD) apresentadas no cercado, quanto às falas do presidente (JB) às perguntas e interações dos jornalistas setoristas (JORN), podendo haver participação através de falas e interações de apoiadores (APO), estes que dividiam lado a lado o espaço do cercado com a imprensa. Nomearemos os quadros a partir do segmento fragmentado das interações em cena, estas sendo distribuídas e legendadas em ordem numeral dos discursos, do sujeito-autor da fala e discurso proferido, conforme Quadro 1 e demais que o seguem, abaixo:

**Quadro 1 – SD [01-03]**

01	JORN	Presidente, vai ter pronunciamento amanhã?
02	JB	Quando vocês pararem de fazer fofoca eu falo com vocês.
03	APO	Ehhh = palmas

= : Sons/vibrações

Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

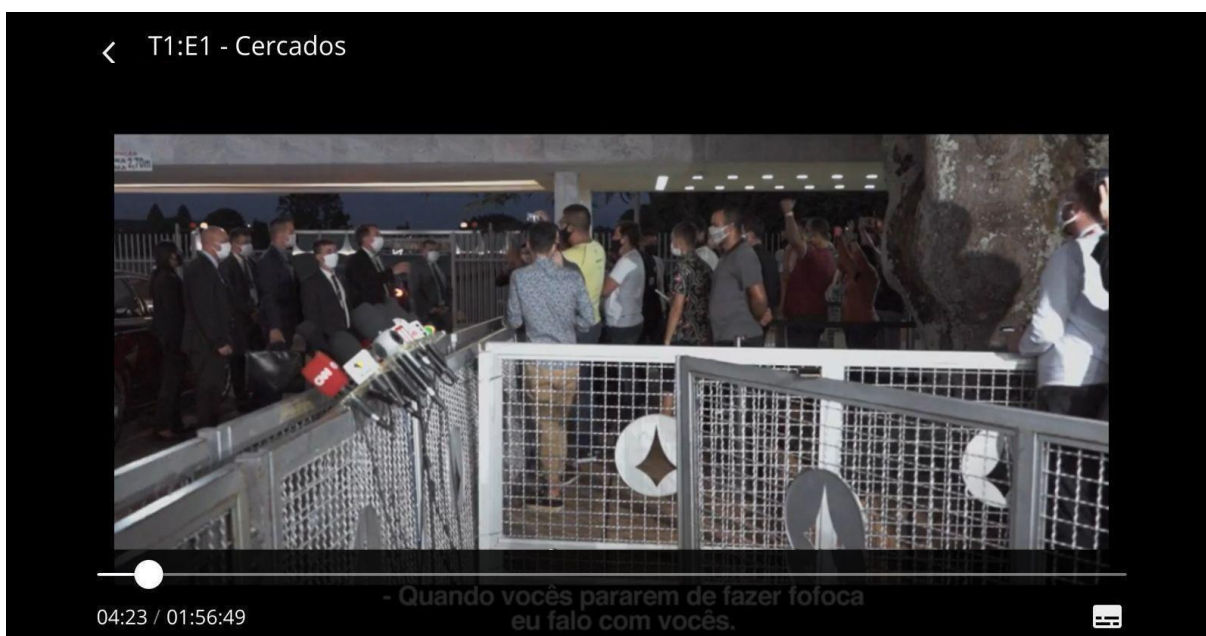
O discurso, que ocorre por suas condições de produção, aqui se instaura de maneira a significar não pelo que foi dito, mas sim, pela construção do que foi dito, do que este irá significar. Assim, ao observarmos a primeira sequência discursiva dada pelo jornalista [linha1] percebemos a direta colocação no desejo de sanar uma dúvida. Há um vocativo que instiga mais uma vez a compreender a quem ele se destina em sua pergunta, não deixando dúvidas, que àquele sujeito se aguarda a resposta. O jornalista ao questionar se o presidente se pronunciará no dia seguinte abre poder de



resposta a Bolsonaro, que prontamente [linha2] levanta uma condição “quando” específica de “pararem de fazer fofoca” para que então o mesmo possa/deva dirigir a palavra aos jornalistas, observado em “falo com vocês”.

Destacam-se duas questões consideráveis no processo desta significação. Primeiro é o fato de haver uma referência direta do “fazer fofoca” com a ação do(s) jornalista(s). Segundo, é a condição de ligação de um ato de “parar de fazer fofoca” ser ligado a condicionante de uma resposta. Vejamos, além de qualificar atribuições, a escolha delega funções, ao alegar a fofoca como pressuposto à atividade do jornalista, o autor do discurso elimina qualquer outro termo significativo possível ao trabalho de tais profissionais. Pior, atuando como uma qualificação coletiva o termo se expande a todos presentes ou não no cercado. É significativo dizer inclusive que, ao escolher a régua do “pararem”, e “quando vocês pararem” indica que, somente, e tão somente quando este ato for sanado, a resposta ao que se pergunta será dada.

**Figura 6 – Frame SD [01-03]**



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Assim, Bolsonaro traz constância ao ato, criando imagetivamente que a ação de parar de fazer fofoca seria difícil, senão impossível àqueles profissionais. Bolsonaro abre um leque de interpretações, ao mesmo tempo que as define. A escolha desta condição e somente esta condição fortifica a imagem de uma mídia que em sua função propaga falsas verdades, mentiras, fofocas, uma mídia colocada assim em



lado oposto ao do presidente, que se põe como vítima da calúnia, da difamação. Bolsonaro sugere ainda, no uso deste discurso, que sua fala poderá ser distorcida, e que desse modo poderá ser injustiçado, levantando mais uma vez uma concepção acerca da imprensa presente, buscando reiterar uma posição antagônica à imprensa.

O discurso assim fecha a ideia de que, neste sentido, estando o presidente como vítima das mentiras expostas pelos jornalistas, este só se compromete a responder algo quando os profissionais, que apenas “trabalham sob fofocas”, pararem de agir como tal, o que lhe conecta diretamente com aqueles que pensam e seguem tal ideia. Tornando assim, a sua resposta um silêncio fundante, minando a imagem de uma das instituições fundamentais para a manutenção do que resta da democracia atual.

Assim como em outras ocasiões, o presidente usa da terminologia da fofoca para justificar todo e qualquer assunto inerente à sua imagem negativa. Declarações como *"Quem quiser comprar lixo, vai na rodoviária. Não é nem lixo, porque lixo é reciclável. Não serve para nada, só fofoca, mentira o tempo todo"* reforçam a ideia de uma imprensa mentirosa e parcial, como sugere.

Partindo assim para segunda SD, temos:

#### Quadro 2 – SD [04-07]

04	JORN	Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes, quantas mortes o senhor acha que/
05	JB	Ô, cara, quem fala de/ Eu não sou coveiro, entendeu?
06	JORN	/

07	JB	/Eu não sou coveiro.
----	----	----------------------

/ : Interrupção na fala

Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

O Quadro 2 acima materializa a forma do enunciador [JB], em mais uma tentativa de esquivar-se de sua posição social, trazendo por meio de seu discurso negacionista, a indiferença pelas 300 mortes que já existiam no Brasil à época e que são questionadas pelo jornalista. Pode-se perceber nesta SD uma atuação contínua da interrupção da fala do jornalista, que, em duas tentativas não consegue terminar sua formulação.

Tal atuação desta interrupção conduz a uma teoria de terceirização da responsabilidade, pois ao interromper o jornalista, Bolsonaro retoma a direção do não-dito: se não se questiona, não há o que responder. A ação de silenciamento do presidente à imprensa nesta SD confirma-se na ideologia da morte como algo religioso, de caráter divino, como ciclo de qualquer vida, onde nada se pode fazer. O “não sou coveiro” [linha 05 e 07] do sujeito-falante é usado de maneira a contornar o problema, esquivar-se e terceirizá-lo, fugir a qualquer pauta de saúde pública do país, como se estas não fossem sua responsabilidade, uma espécie não-dita de “agora só resta enterrar, e este não é meu papel” numa tentativa quiçá de tornar-se um “fiz o que pude”, mas que, no entanto, foge a significação.

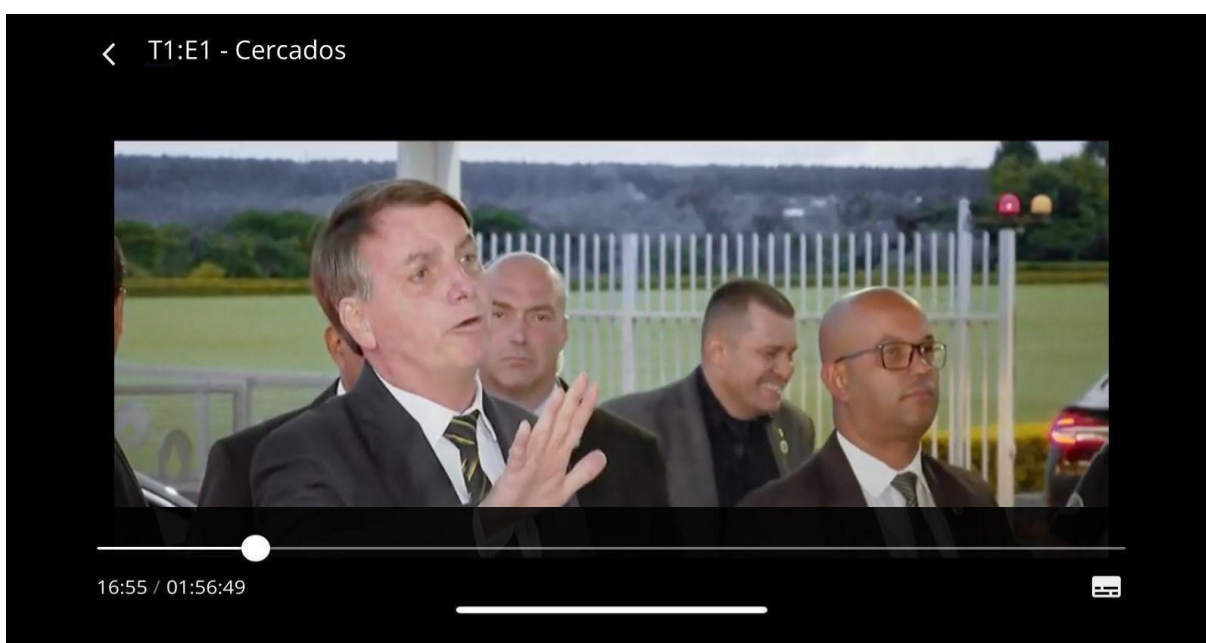
O silêncio da censura não significa ausência de informação, mas interdição. Nesse caso, não há coincidência entre não dizer e não saber. Isso nos leva a afirmar que a censura funciona não em nível de informação mas de circulação e de elaboração histórica dos sentidos, assim como sobre o processo de identificação do sujeito em sua relação com os sentidos. Ela impede o trabalho histórico do sentido (Orlandi, 1992, p. 107)

Bolsonaro reforça a interrupção [linha 06 e 07] buscando produzir um esquecimento quanto ao seu papel de presidente em uma pandemia mundial. Quando interpela o jornalista [linha 05] o “Ô, cara”, de forma impolida, nestas condições, é usado em tom provocador, insultuoso, e não apenas como vocativo de camaradagem.

Pode-se inferir, inclusive, que o chamamento do sujeito trafega por acepções do uso do “cara” como “cara de algo”, que busca assim ferir a moral de alguém.

Com enfática demonstração de pouco apreço pela vida alheia, Bolsonaro foge de qualquer sentimento de compaixão diante das mortes das milhares de pessoas, enquanto a imprensa e profissionais de saúde, em mão contrária, tentam incansavelmente desassociar a imagem de uma epidemia “exagerada” e de uma propagada ideia de mídia fantasiosa.

**Figura 7 – Frame SD [04-07]**



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Como visto outrora, a ideologia, como conceito fundante na AD fundamenta-se na perspectiva da posição do sujeito, as formações e as ocorrências nos referenciais históricos e sociais desse sujeito ecoarão em suas discursividades, de modo que a ideologia construída transitará como elemento construtivo de todo o processo comunicacional desse indivíduo. Assim, temos na ideologia um conceito explorado das noções de formação ideológica e discursiva, assim, como através do próprio sujeito, percepções de seu assujeitamento, bem como de suas interpelações.

Outrossim, acerca da formação discursiva, o sujeito se inscreve “pela qual sua palavras têm um sentido sob um modo que lhe parece natural” (ORLANDI, 2001, p. 26) e desta forma, compreendemos a absorção discursiva do sujeito-presidente-ex-capitão-homem-de-fé através não tão somente por suas falas, mas sim, também, por seus posicionamentos, como percebidos também em uma paralinguagem. Os gestos

de expressão corporal do presidente são sempre propensos a agressão, sempre contraído, de dedos apontados, com ares de certeza e salvador. Bolsonaro comunica para que não precise dialogar, o que assume, assim, uma exacerbada identificação com tempos de outrora, numa espécie de memória à ditadura e soberania cristã.

Vale considerar então, que ao defender o não controle total dos sentidos que se tem ao proferir palavras e estabelecer as condições de produção como uma possibilidade para a significação dos sentidos, podemos assim evocar significação pela história, a memória discursiva de um militar, de um filho de europeus, de um homem marcado pelo evangelho.

Assim, analisemos então sobre uma das perspectivas: O uso insistente do “eu não sou coveiro” de forma que o presidente enfatiza um cargo braçal, preparar covas e enterrar corpos, de atividade fim, como função ligada a ponta do exercício militar, tal como um praça. O enunciador, ex-capitão, oficial do exército, numa linguagem comportamental de cumprimento das regras hierárquicas e do respeito às obrigações, é responsável apenas pelo comando, assim como enfatiza, como quem retruca a um subalterno, “eu não sou coveiro, entendeu?”.

Seguindo para terceira SD, temos:

### Quadro 3 – SD [08-09]

08	JORN	Presidente, o que na opinião do senhor, explica o Brasil ter 12 mil mortes e a Argentina ter 320, pelo Covid?
09	JB	É só você fazer a conta por milhão de habitantes, tá? E talvez/ Vamos falar de Suécia? A Suécia não fechou. Pronto, a Suécia não fechou. Você tá/ Você tá defendendo, com toda certeza, já entrou pra ideologia, você pegou um país que tá caminhando pro socialismo, que é a Argentina. É isso que você faz. Outra pergunta aí.

/ : Interrupção na fala

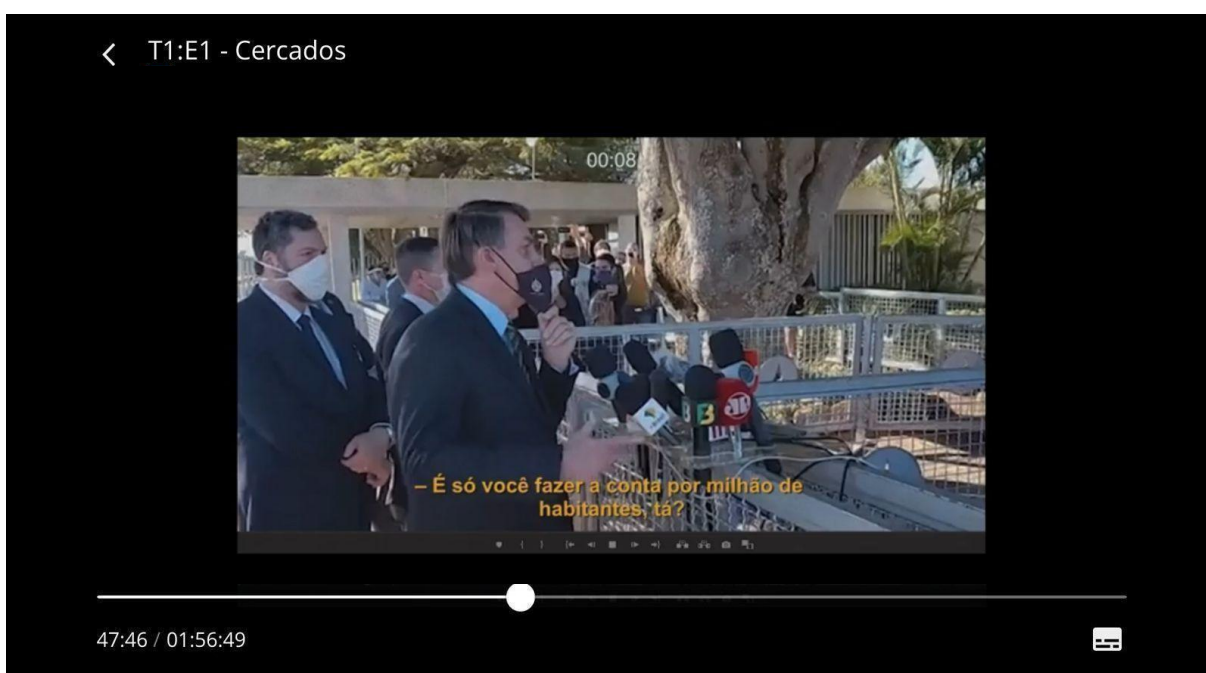
Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

Dessa SD podemos destacar duas vertentes que o discurso do presidente indica: A primeira, a fuga que há [linha 11] do presidente quanto ao que se é perguntado, fuga esta que se reveste de uma outra interpelação, um questionamento

retórico, que ao final, não se finaliza, como temos em “É só você fazer a conta por milhão de habitantes, tá?”. A segunda: o desvio de seu próprio argumento, a fim de ressignificar a discussão ao que se pretende questionar sobre ideologia e assim, levar posicionamentos à imprensa, que podemos ver em “Você tá/ Você tá defendendo, com toda certeza, já entrou pra ideologia” formulando, no decorrer desta construção tal ideia que remete ao não-dito: uma imprensa sem conteúdo, ideológica e parcial, eliminando a ideia de que a imprensa estaria acima de qualquer partidarismo.

O discurso abrange-se na ideia de legitimar uma imagem de profissionais sem preparação técnica ou teórica sobre assuntos que cercam a pauta, utilizando-se de cálculos matemáticos e conhecimentos histórico-geográficos, a fim, de mais uma vez, sugerir uma imprensa despreparada, sem embasamento.

**Figura 8** – Frame SD [08-09]



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Ademais, quando corta bruscamente sua fala e a retoma para uma acusação, utiliza-se de termos afirmativos para sugerir que a imprensa, que se supunha dever ser imparcial, faz perguntas com base em ideologias, posicionamentos, e afirma “É isso que você faz.”, resumindo todo o trabalho jornalístico a suas afirmativas. Bolsonaro, neste ponto, anuncia a “ideologia” como um posicionamento adversário, distanciando a ideia do que sugere a AD, neste sentido, recorrendo a uma

interpretação negativa ligada à esquerda. O enunciador aqui procura validar a imagem da imprensa que sugere em seu discurso não somente como uma ofensa gratuita, mas num intuito maior, de comunicar-se a outrem. As falas, em tons depreciativos e impositivos marcam uma costumeira imposição do presidente quanto a construção da imagem da imprensa perante o público comum.

Quanto ao constante uso da comparação entre os países, o discurso é utilizado na tentativa de positivar a imagem do Brasil frente à pandemia, ao equipará-lo a um país com um dos maiores IDHs do mundo. Destarte, prioriza a economia em relação à saúde, quando sugere a Suécia como um molde para ações diante da pandemia. No entanto, o país com elevada qualidade de vida conta com uma população extremamente inferior à do Brasil, o que, proporcionalmente, infere-se relatar que a Covid-19 matou 5 vezes mais do que no Brasil.

**Figura 9** – Óbitos por milhão de habitantes na Argentina, Brasil e Suécia



Fonte: Folha de São Paulo; Documentário Cercados, Globoplay (2020)

O argumento do presidente quanto as 12 mil mortes por Covid-19, que é falho, reforça a fuga do mesmo frente aos questionamentos levantados pelos jornalistas, que, além de buscar uma construção imagética que proteja seus posicionamentos negacionistas, busca emplacar a ideia de uma mídia imprópria. Quando completa sua fala e traz “você pegou um país que tá caminhando pro socialismo, que é a Argentina” [linha 09], Bolsonaro segue a risca o que já pratica outrora, demonizar o socialismo e junto a isso, inserir a imprensa como uma seguidora do que se deve demonizar,

levantando a bandeira de que somente países socialistas estariam, naquele momento, buscando o *lockdown*, e que esta decisão, diferentemente do que defende, quebraria o país o tornando ainda mais distante do modelo sueco, que toma como base no início de seu discurso. O sujeito conduz à interpretação à teorização sobre o pré-construído, sendo a imprensa defensora do socialismo diante da significação do discurso nesta SD, cabe a ela todas as mazelas e demonizações. Bolsonaro busca assim, levar a imprensa à marquise, ao apedrejamento, buscando trazer ao visível a significação do verbal e não-verbal.

Orlandi (2007) outrora já afirmava que sob a perspectiva do funcionamento que há no discurso, são as relações de inclusão ou exclusão, bem como as de oposição, como visto aqui, que se tornam noção base quanto ao método do discurso e sua formação, pois são nesses elementos que surge a interlocução e seus efeitos.

“A linguagem é a conjunção significativa da existência e é produzida pelo homem, para domesticar a significação. (ORLANDI,2007, p. 32)

Quando finaliza a ideia o sujeito não quer mais ser interpelado pela questão, dá-se por suficiente sua participação quanto ao questionamento e impõe “Outra pergunta aí” [linha 09], numa espécie não-dita de “perguntem logo outra coisa” “mudem logo de assunto”. Ao dizer algo estabelecemos uma escolha sob o que não foi dito, no entanto, o que se deixou silenciado também possui habilidade simbólica, produz e mantém sentidos propícios à interpretação.

Por conseguinte, observa-se nessa construção, um efeito de evidência da produção do apagamento do papel do Estado, que se anula diante do questionamento do jornalista, e assume uma vertente que contorna o problema, colocando o interesse político-partidário acima dos interesses públicos frente a saúde e sociedade.

Adiante, temos:

#### Quadro 4 – SD [10-14]

10	JB	<p>Pessoal, vamos lá, jogo rápido aqui, só vou falar uma coisa e vou embora.</p> <p>Manchete da Folha de São Paulo de hoje: “Novo diretor da PF assume e acata pedido de Bolsonaro” Que imprensa canalha a Folha de São Paulo. Canalha é elogio pra Folha de São Paulo. Eu tô tendo influência sobre a Polícia Federal? Eu tô tendo influência? Isso é uma patifaria! É uma patifaria! Folha/</p>
11	JORN	/
12	JB	<p>Cala a boca, eu não te perguntei nada. Folha de São Paulo, um jornal patife e mentiroso.</p>
13	JORN	O senhor pediu a troca?
14	JB	<p>Cala a boca. Cala a boca. Canalha, mentirosa e vocês da mídia, grande parte, tenham vergonha na cara.</p>

/ : Interrupção na fala

Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

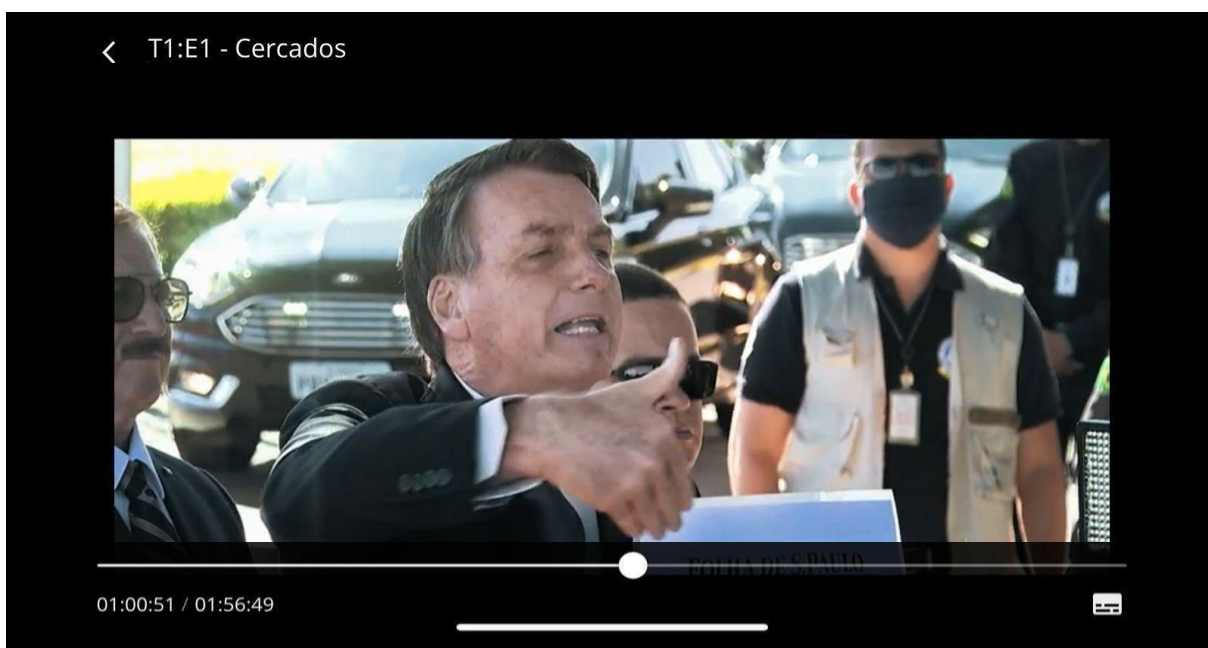
Compreende-se que na língua, para que haja uma interação comunicativa, necessita-se de uma troca discursiva, uma colaboração entre partes capaz de predispor turnos de fala em comunhão. O diálogo, ao qual se busca uma sintonia entre os sujeitos-falantes, parte essencialmente do desejo em comunicar de forma colaborativa. No entanto, percebe-se quanto às marcas linguísticas-discursivas do presidente uma produção de pronunciamentos unilaterais, uma imposição quanto a sua opinião. As expressões enunciativas do ex-capitão subvertem a uma constante disputa, uma construção entre o “nós” vs. “eles”, capaz de traçar uma polarização



ideológica quanto ao posicionamento comum, assim como sugerido em “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1975, p. 82).

Neste ponto, em mais um ataque à imprensa, Bolsonaro dedica-se a insultar o Jornal Folha de São Paulo, taxando-o de mentiroso. A linha traçada pelos pronunciamentos do presidente nesta SD apresenta uma linguagem extremamente intolerante e desrespeitosa. O jogo dos sentidos aos quais significa propõe, mais uma vez, uma posição de vítima ao sujeito-falante, quase como uma ideia de revolta e uma súplica não-dita de “me digam se estou mentindo?”. Bolsonaro nesta SD, chega ao cercado já impondo um limite, em que este anuncia que apenas sua fala prevalecerá [linha 10], assim nenhum questionamento deverá ser feito, e caso seja, estará acobertado por seu prévio aviso presente em “vou falar uma coisa e vou embora”. Bolsonaro então detém sua fala em reproduzir uma manchete do Jornal Folha de São Paulo, quando em seguida, quase sem respiro, introduz uma linguagem chucra a fim de qualificar o Jornal, dentre sua retórica, como um jornal falacioso e indigno de respeito.

**Figura 10** – Frame SD [10-14]



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Quando utiliza-se do termo “canalha” para qualificar o Jornal, refere-se ao seu comportamento, tende a pessoalizar, criar uma relação avessa do público a esta imprensa, e assim a qualquer jornalista que a representa, pois, neta construtiva, o

sujeito-falante impõe mais uma vez um duelo, uma batalha entre o bem *versus* mal, numa esfera de criação de um personagem comum, um discurso não-dito de “estas pessoas são canalhas”, inferindo ao jornal adjetivos de mau-caratismo, desonestidade, tornando toda uma cadeia jornalística desprezível de qualquer credibilidade, e reforça “Canalha é elogio pra Folha de São Paulo”. O que Bolsonaro tende e busca construir até então é a relação de referenciação que ele dispõe entre si e o resto do mundo, sendo ele o único benfeitor da nação e todo o resto, aqui enfatizado à imprensa, uma grande disseminadora de ideologias. A eterna construção da imagem do inimigo comum.

Ao questionar sua interferência na Polícia Federal, assunto que circunda essa SD, o sujeito levanta questionamentos retóricos quanto às acusações, de forma capaz, na formulação do pedido/clamor que há em sua escolha lexical, tom e pausas utilizadas, a sugerir uma relação de dependência à compaixão do interlocutor, estabelecendo uma relação de construção de identidade perante outros, assim como Jesus questionou aos seus discípulos “*Quem dizem os homens que eu sou?*”, que podemos observar em (Marcos 8,27-30), sobre a compreensão da missão e identidade de Jesus, perante outras lideranças. No entanto, foge ao trato quando sugere que o Jornal é uma patifaria, relacionando mais uma vez a adjetivação a uma ação a aquele que é canalha, indivíduo conhecido por agir de modo malicioso. Ao tentar citar mais uma vez o nome do Jornal, uma interpelação por um jornalista é sugerida, no entanto, diante do barulho, torna-se inaudível o questionamento do mesmo, que antes mesmo de completar sua fala tem sua interpelação cortada por um “Cala a boca, eu não te perguntei nada!” proferido em tom agressivo e insultuoso pelo Presidente [linha 12] e insiste nos insultos à Folha de São Paulo, e neste, adjetiva de forma direta, quase como quem quer simplificar o entendimento, sugere “patife e mentiroso”.

Quando questionado por um jornalista sobre o tema, mais uma vez o insultado de forma a mandá-lo calar a boca duas vezes seguidas [linha 14], em total tom imperativo e autoritário e completa “Canalha, mentirosa e vocês da mídia, grande parte, tenham vergonha na cara” reforçando a ideia já estabelecida antes em seu discurso. Ao analisarmos o trecho “e vocês da mídia, grande parte, tenham vergonha na cara” podemos observar em “e vocês da mídia” a significação da fala em categorizar um grupo. Bolsonaro sugere nesta fala que, grande parte da mídia, da imprensa deveria ter vergonha na cara, sugerindo a classe um comportamento

indecoroso, digno de vergonha, convencionando uma relação dicotômica entre os meios de comunicação e a política, mais necessariamente a de seu atual governo, reforçando uma construção de que esta mídia não retrataria, por seus atos indecorosos, a sua condução governamental.

Neste ínterim, seguimos para a próxima SD:

**Quadro 5 – SD [15-21]**

15	JB	Vamos ver o padrão das perguntas.
16	JORN	Presidente, ontem o ministro soube do decreto pela imprensa porque o senhor não tinha avisado ainda. É importante o Ministro da Saúde participar dessa discussão?/
17	JB	O Major se penitenciou, faltou de fazer o contato com o Ministro, mas não tem problema nenhum. Tá no decreto sim, de acordo com as diretrizes do ministério da saúde. Ponto final.
18	JORN	Mas é importante a presença dele nessa discussão?
19	JB	Não é porque faltou um contato, a gente vai desclassificar essa...esse novo decreto que trata de mais algumas profissões.
20	JORN	Presidente/

21	JB	Quantas vezes você chega em casa com o colega para almoçar e não avisa a sua esposa? Vai acabar o casamento por causa disso?
----	----	--

/ : Interrupção na fala

Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

Nesta SD, observamos a tendência que há em fortalecer a disputa de poder com a mídia, trazendo uma condição falaciosa de imparcialidade, além da descredibilização do trabalho da imprensa, quando o indivíduo, autor da mensagem, sugere que deverá ser feita uma análise dos padrões [linha 15] das perguntas que serão proferidas pelos profissionais da imprensa, sugerindo ainda de forma não dita que estas serão analisadas, sob sua agenda de pautas, se devem ser respondidas, disputando assim um espaço que emerge a um projeto de suas pautas à sociedade.

A regularidade que há nas subjetivações das falas do presidente traz a atmosfera do viés ideológico, criando relação-efeito imaginária de que quem tem “ideologia” é o adversário, colocando sempre a imprensa neste papel.

**Figura 11 – Frame SD [15-21]**



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

O populismo conservador que cerca os discursos de linguagem escatológica do presidente, circunda, além da temática da ideologia, esferas de desigualdades, bem como as existentes no espaço de circulação dos gêneros, sobretudo o feminino, como pode-se observar na linha 21 desta SD. O levantamento retórico de Bolsonaro ao ser questionado pelo jornalista quanto ao conhecimento ou não do Ministro sobre o decreto, mais uma vez reforça a movimentação discursiva do sujeito quanto à uma dominação, uma estabilização da relação de poder.

Bolsonaro responde então o jornalista em duas vertentes de posicionamento, a primeira [linha 17] distanciando-se novamente de suas responsabilidades governamentais, enquanto reafirma sua posição de decisão final, tanto ao que se refere ao assunto, quanto à discussão sobre ele, ao imposter o “ponto final” em sua fala. A segunda vertente [linha 21] recorre ao ambiente familiar e a valores considerados tradicionais diante de uma formação conservadora, que, no entanto, perpetua uma construção cultural sobre estereótipos sexistas.

Ao sugerir “Quantas vezes você chega em casa com o colega para almoçar e não avisa a sua esposa? Vai acabar o casamento por causa disso?” o sujeito utiliza do artifício da comparação para equiparar seu governo a um casamento, onde ele, o “homem da casa” tem a licença para resolver sobre questões internas e externas a casa sem que sua esposa, nesta pré-leitura, tenha motivos para questionar, apenas aceitar, tal qual deseja sugerir que funcione sobre suas decisões. Utilizando deste argumento misógino, Bolsonaro segue um posicionamento sexista, ferindo muitas outras classes, inclusive a jornalística, em detrimento de seus discursos machistas, limitando não tão somente o caráter social de uma mulher, mas também racional/intelectual, colocando em caixas seu poder de questionamento e persuasão, além claro do limite que impõe sobre seu lugar de fala e atuação na sociedade e no círculo familiar.

A ideologia inculca nas mulheres, desde sua meninice, que os homens mandam e que elas precisam deles. O casamento ainda é o objetivo da maioria das mulheres; mulheres sem homens são vistas como menores, que não conseguiram um homem para dizer que é seu. (...) Por que isso? Porque o sistema capitalista precisa que essa ideologia da maternidade mantenha as mulheres em lugar subalterno na sociedade, para gerarem mais lucro para o capitalismo. Os estudos sobre a discriminação feminina têm de ter essa base para compreender as relações entre homens e mulheres na atualidade. Esse funcionamento ideológico é reforçado pelos estereótipos que sustentam o efeito de evidência de qual é o “lugar da mulher” na

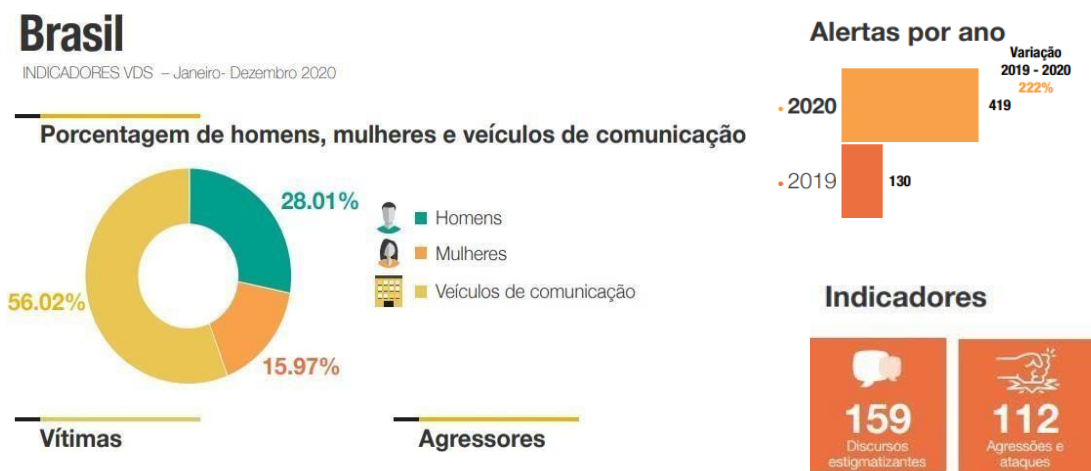
sociedade e, portanto, também no jornalismo. (Magalhães; Ramires, 2021, p. 284)

Neste ponto, podemos refletir, inclusive, sobre a representação imaginária de intolerância que esses discursos podem promover e provocar nas mulheres ali presentes no momento. O discurso, capaz de produzir tons de humilhação é capaz de resgatar um comportamento de provocação ao sexo feminino, tornando-o, através do reducionismo do discurso do presidente, uma deslegitimação presente e ameaçadora as jornalistas, profissionais atuantes fora e dentro do cercado.

O patriarcalismo, ainda presente na sociedade contemporânea, impõe à mulher um conjunto de regras capaz de cercar tanto quanto seu meio social, seu meio de trabalho. Os discursos e atos misóginos presentes no repertório do ex-presidente reforçam a problemática, além de estimular a outros níveis dessa violência.

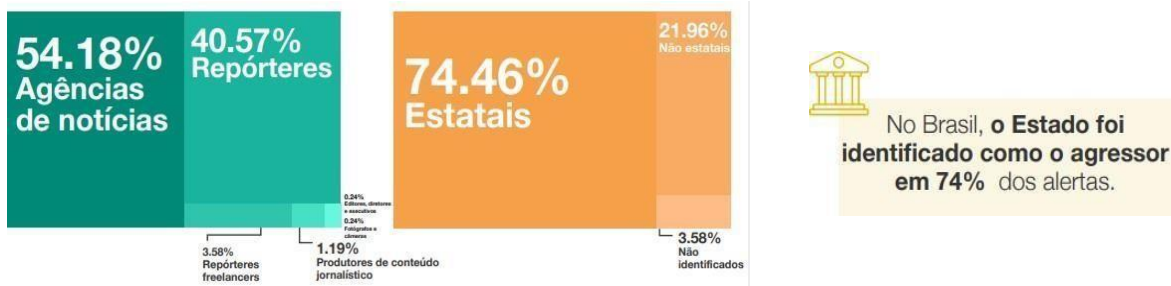
Segundo dados<sup>3</sup> da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) acerca de ataques a jornalistas e profissionais da imprensa brasileira em 2020, 37,5% dos 367 foram direcionados a mulheres, sendo 16,4% acerca de discursos estigmatizantes. Segundo o estudo, mais de 70% dos casos de difamação e constrangimento das vítimas são discursos de autoridades e figuras proeminentes. Os ataques ferem, na maioria das vezes, assim como a análise acima à reputação e à moral, utilizando da sexualidade e/ou de traços estereotipados e sexistas de personalidade para agredir verbalmente as vítimas. O estudo ainda reforça que, em 43.6% dos casos, a vítima cobria temas políticos.

**Figura 12** – Gráficos do Relatório da ABRAJI-Brasil - Jan-Dez 2020



<sup>3</sup> Disponível em: <<https://violenciagenerojornalismo.org.br/>>

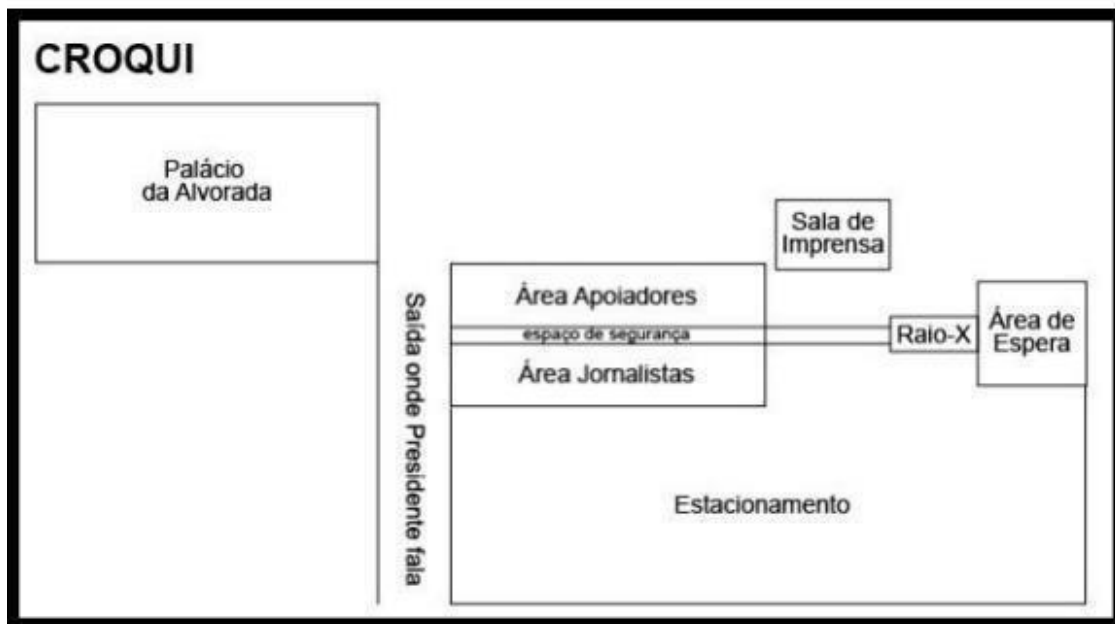




Fonte: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>

As constantes críticas, ameaças à liberdade de imprensa e expressão - a verdade e o saber -, além das claras recusas de interações com os jornalistas no Alvorada tornaram as atividades comunicacionais, naquele momento, insustentáveis. Com o aumento da pressão sofrida pelos jornalistas, bem como das violências destinadas à classe, os jornais do país decidiram não enviar mais seus jornalistas ao local. Com pouca segurança e ações em prol aos profissionais, a única medida tomada pela presidência foi a separação do cercado em dois grupos, o que não cessou nem tampouco diminuiu as hostilidades vindas do grupo de apoiadores no local.

**Figura 13** – Mapa da distribuição do cercado no Alvorada visto de cima



Fonte: <http://www.abi.org.br/plantao-na-alvorada-tarefa-de-alto-risco>

Diante da recorrente construção da desqualificação da imprensa e marcada violência contra seus profissionais, seguimos para a última SD:

**Quadro 6 – SD [22-38]**

22	JB	Eu não vou aqui falar outras coisa se não for de São Paulo porque eu tenho vergonha. “Vou interferir e ponto final, afirmou Bolsonaro sobre PF”. Vamos lá, as pessoas, se são pertinentes eu respondo, qualquer pergunta aí tendenciosa, acaba a entrevista.
23	JORN	Presidente, há dois o senhor pessoalmente pra gente do alto da rampa do planalto que o senhor não citava a polícia federal no vídeo. Por que que a transcrição traz a polícia federal/
24	JB	Tá a palavra “PF”, duas letras, PF
25	JORN	É polícia federal.
26	JB	Ô cara, Ô cara, tem a ver com a polícia federal, mas a reclamação “PF” no tocante ao serviço de inteligência.
27	JORN	A transcrição do áudio não está correta, presidente?
28	JB	Tá correta.
29	JORN	Então o senhor falou, reclamou que não recebe informações da PF/



30	JB	Na mesma linha.
31	JORN	E do serviço de inteligência/
32	JB	Inteligência das forças armadas
33	JORN	Na sequência, o senhor falou que vai interferir e ponto final. O que é que significa?
34	JB	Eu não vou me submeter a um interrogatório perto de vocês, é óbvio.
35	JORN	O senhor tentou trocar/
36	JB	Bem, vamos lá, sem interrogatório, outra pergunta aí. Vou acabar a entrevista, não vem com palhaçada aqui. É palhaçada o que você tá fazendo, não vem com palhaçada aqui, o que eu falei ali, no tocante à segurança, à segurança física! Tá bem claro, a minha segurança. Quem faz a minha segurança não é PF nem polícia federal, é o/
37	JORN	O General Heleno se recusou/

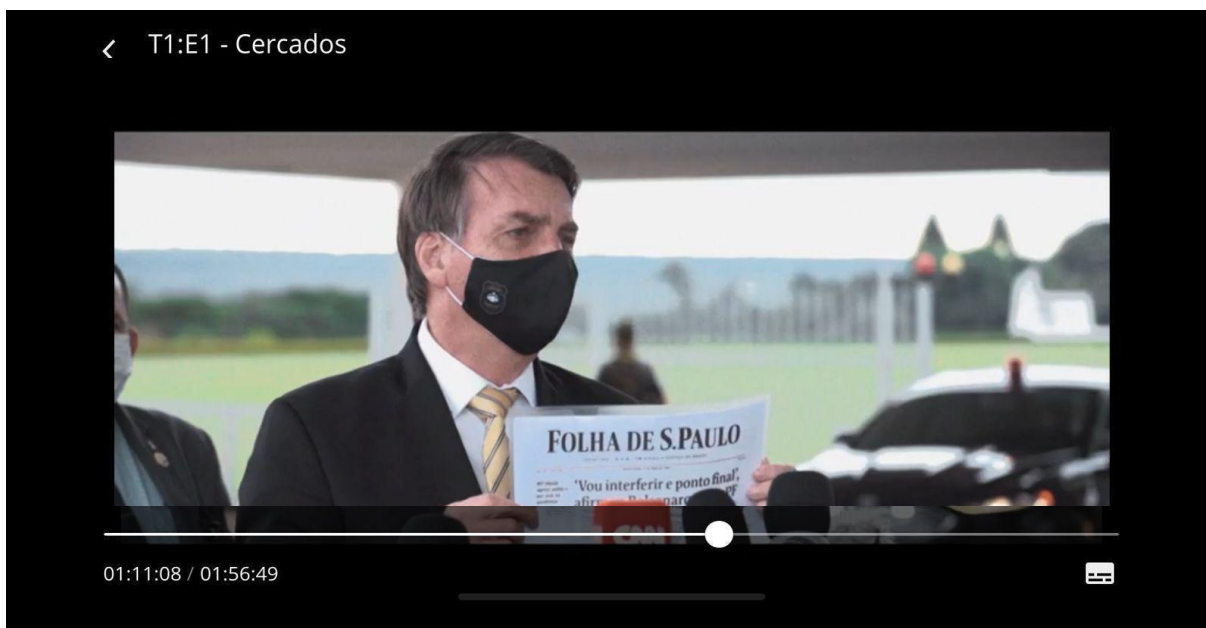
38	JB	Mais alguma pergunta? Cara, acabou a tua cota.
----	----	--

/: Interrupção na fala

Fonte: Dados transcritos a partir das interações coletadas no Documentário Cercados (Globoplay)

Diante da construção discursiva já presente e observada durante todo o documentário, acerca das interações do presidente com os jornalistas, seguimos analisando os atos enunciativos presentes nas declarações. Nesta SD concluímos a última análise acerca do campo comunicacional, político-ideológico e sócio-discursivo presente nos sentidos das falas aqui evidenciadas.

**Figura 14 – Frame SD [22-38]**



Fonte: Cenas do documentário “Cercados”, Globoplay.

Tensionado, o presidente já inicia sua fala [linha 22] com “Vamos lá, as pessoas, se são pertinentes eu respondo, qualquer pergunta aí tendenciosa, acaba a entrevista.” utilizando-se de termos ligados a propósito como peça fundante para seu tempo e resposta, acrescenta ainda o “as pessoas”, para referir-se aos jornalistas do cercado, tornando-o comuns aos demais, retirando do chamamento a prerrogativa do profissional, tornando-os apenas pessoas comuns com posto de curiosos, amadores.

Desta forma, ao conceder ao jornalista a imagem de amadorismo, o sujeito reforça “se são pertinentes, eu respondo”, deixando para si a estratégia de

silenciamento diante de possíveis questionamentos que não o agrada, reafirmado em “qualquer pergunta aí tendenciosa, acaba a entrevista” como numa espécie não-dita de anúncio de “caso eu não responda, e é provável que eu não responda, a culpa será de vocês” legitimando seus atos e gerando, mais uma vez, uma relação de disparidade entre o propósito de seu governo e da imprensa.

Por toda a SD o sujeito ao ser interpelado acerca do assunto em pauta, no momento, a transcrição de um vídeo com falas sobre a segurança pública e sobre um possível desejo de interferência, o presidente tenta driblar o sentido das perguntas e de suas respostas, trazendo um modo de redundância no tema capaz de trazer ao sujeito questionador uma imagem de incapacidade argumentativa e lógica sobre o assunto, o que pode ser observado, por exemplo, através da ideia de soletramento na linha 24. Já na linha 34, o presidente profere “Eu não vou me submeter a um interrogatório perto de vocês, é óbvio.” numa tentativa de fuga aos questionamentos, sugerindo, inclusive, de maneira a colocar-se como vítima, a produção de um interrogatório por parte da imprensa, o que, em termos de natureza jurídica, seria o meio pelo qual o acusado proferiu sua versão final sobre os fatos que lhe foram imputados pelo acusador, estabelecendo à imprensa esta segunda posição e finaliza com “é óbvio”, para que subentenda uma disposição clara e evidente dos papéis.

Adiante, na linha 36 desta SD o sujeito segue evidenciando o papel da imprensa à acusação, bem como sugere o andamento das perguntas, esquivando-se de responder às anteriores, como vemos em “Bem, vamos lá, sem interrogatório, outra pergunta aí”. O sujeito então segue utilizando a artimanha da ameaça quando sugere “Vou acabar a entrevista”, condicionando o término da entrevista a uma atuação circense da imprensa, ao que se pede posteriormente, presente em “não vem com palhaçada aqui” e reforça, “É palhaçada o que você tá fazendo, não vem com palhaçada aqui”, ridicularizando o profissional, tornando-o um comediante, utilizando do termo figurativo para produzir sentido pejorativo em seu trabalho, garantindo uma imagem de pessoa que não é possível levar a sério.

Ao findar o momento, Bolsonaro questiona [linha 38] “Mais alguma pergunta? Cara, acabou a tua cota.” e antes mesmo de ser interpelado novamente pelo jornalista já sugere que a cota de perguntas do mesmo teria acabado, e dá por finalizada a entrevista. No entanto, a cota, sugerida pelo sujeito, surge como uma política de favores, de ajuda, como quem deseja completar o sentido do “posso te ajudar em mais

algo?” ou “a você já foi dada a ajuda” trazendo a si novamente a imagem pacífica de um servo da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva da AD, que englobou este trabalho, busca compreender como o enunciado produz sentidos e subjetivações a partir dos processos de significação já pertencentes ao funcionamento da teoria, bem como o inconsciente presente no sujeito, permeados pelos elementos que construíram sua ideologia. Vimos aqui o funcionamento da produção dos sentidos, o agir das formações diante da formulação do discurso, pudemos perceber também a construção através do que produz sentido ao mesmo tempo o que silencia, assim como é próprio da heterogeneidade da linguagem. Mostramos a materialidade que há no processo de significar através das falas descritas e analisadas do lugar discursivo que o sujeito-falante ocupa, cabendo ressaltar, que toda a análise, que também circundou por compreensões históricas, sociais e ideológicas do ex-presidente, permitiram, além de uma breve compreensão quanto aos seus assujeitamentos, uma interpretação valorosa quanto as suas estratégias discursivas, mesmo que estas estejam vinculadas a uma inflação da lógica de um inimigo comum sob suas ideologias.

Compreende que as relações de proximidade e de tensão entre imprensa e autoridades faz parte do jogo político-discursivo e neste sentido, o trabalho buscou analisar, através do corpus do documentário, os sentidos e sua produção categorizados através do momento político que se vivia, no entanto, não tão somente por esta perspectiva, mas sob também sob o debruçar dos discursivos ataques aos jornalistas, que de tal maneira validaram-se em meio aos silenciamentos e cerceamentos que foram evidenciadas nas falas e comportamentos do ex-presidente Bolsonaro. É válido destacar que estas construções foram produzidas não tão somente com base no pré-construído, mas partiram também, outrora, da congregação dos sentidos simbólicos e significativos que os discursos produziram, estes, a partir da memória sob a perspectiva da AD.

Neste trabalho pôde-se compreender a formação do “multi-ser” que o sujeito pai, cristão, ex-militar e político construiu não somente sobre sua identidade política, mas sobre seu ethos no que cerca seu assujeitamento.

Sua declarada vinculação à religião, por exemplo, não permitiu que os níveis de sua postura comportamental contraditória frente a maior curva ascendente de contágio e mortes por COVID-19 e seus posicionamentos discursivos inflados em

autoritarismo e silenciamentos fossem amenizados perante a imprensa. Pôde-se compreender que mesmo diante de suas identidades sociais construídas sobre um homem de fé, servo de Deus, o modo como Bolsonaro referência a imprensa em seus discursos parte de um movimento constante de exclusão atrelada a uma ameaça, algo que precisa ser erradicado.

As percepções entre o cenário de violência contra profissionais da imprensa e a relação de inimigo estiveram intrinsecamente ligada à questão militar, foram nos sentidos de categorização, limites e autoritarismo que o governo buscou afastar o grupo do “eles” (os que ameaçam, a imprensa, os jornalistas) vs. o “nós” (os que salvam a nação deste mal) todos sobre uma auto referenciação criada e proposta pelo ex-capitão, ferindo o jornalismo, e a toda sua posição na esfera de uma organização política, reduzindo sua representação, buscando limitar seu espaço de opinião pública.

Além disto, seguindo do pressuposto de que a mídia e a política partem de uma esfera comunicacional, é indispensável considerar que ambas devam se constituir de ser uma sociedade indissociável e de dimensão democrática, cabíveis de uma produção de opinião pública sem censura, no entanto, ao mesmo tempo que se tem sujeitos capazes de produção de discurso, existem sujeitos capazes de uma mobilização de sentidos e neste íterim cabe considerar as controvérsias que há quanto a disputa por espaço na atmosfera política, se considerarmos os discursos e seus desdobramentos, que, neste trabalho, puderam ser observados na diminuição do espaço físico, setorial e interativo da imprensa.

Os tons em relação a imprensa e seus profissionais lideraram os *rankings* de violência no período pandêmico o que trouxe um um negativo engajamento quanto a credibilidade do setor. O trabalho pôde reforçar o estado de culpabilização dos meios de comunicação que há diante das falas do representante deste governo e como seus posicionamentos ora negacionistas, ora falaciosos sobre a mídia resultam numa promoção da descredibilização informativa da imprensa, numa construção de que estaria o jornalismo trabalhando contra o desenvolvimento do Brasil. Os seis casos aqui elencados puderam evidenciar uma visão geral acerca da descriminalização que os jornalistas sofreram frente aos ataques, compreendendo através deste estudo sob a perspectiva da AD a construção discursiva e comportamental do presidente.

Constatamos aqui a importância do estudo dos sentidos, da memória social e ideológica do sujeito diante seus discursos e de suas conscientes e inconscientes

construções imagéticas diante de suas ressignificações. Constatamos que a pandemia trouxe não tão somente uma crise sanitária e política no país, mas também um enorme rombo na credibilização e respeito ao labor comunicacional.

Comunicar no nosso país não é uma tarefa fácil, viver uma realidade onde atrelado ao seu trabalho caminha o medo é inaceitável. A comunicação, os jornalistas e o próprio produto - a notícia- é uma materialização de liberdade e deve ser zelada. Ataques e momentos históricos como este são capazes de tirar da sociedade o direito à informação, e pior, a liberdade de expressão, a democratização, ao silenciar um jornalista silencia-se toda uma história, todo um conjunto de direitos.

[...] a problemática de liberdade de expressão deve ser entendida como estando presente noutros direitos fundamentais que concretizam aquele direito nos vários domínios da vida social, como sejam a liberdade de participação política, a liberdade religiosa, a liberdade de aprender e ensinar, a liberdade de criação e divulgação da obra artística, etc. Estes têm por finalidade actualizar a liberdade de expressão nos vários subsistemas de acção social. (MACHADO, 2002, p. 16)

É neste contexto que reafirmamos a importância do debate quanto ao posicionamento representativo das partes aqui destacadas, haja vista o cenário de violência contra profissionais da imprensa e a amplificação deste comportamento frente à política atual.

## REFERÊNCIAS

ABRAJI, 2021. Disponível em:

<https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>.

Acesso em: 08 de março 2023. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji): **Violência de gênero contra jornalistas**.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto,. 2008. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz.

DA SILVA, José; DE LIMA, José Edson Ferreira. **Análise do discurso de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro**. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 38, p. 349-362, 2021.

DE ABREU, Tatiana Oliveira. **Cercadinho do Alvorada: uma ameaça ao ethos do jornalista e à liberdade de imprensa**. Revista Miquel, v. 6, n. 6, 2022.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2009.

DOS SANTOS, Yuri Tomaz et al. **O imaginário social sobre as mídias noticiosas:: impactos do negacionismo de Jair Bolsonaro e do jornalismo declaratório na opinião pública**. Anagrama, v. 15, n. 2, 2021.

FENAJ. **Violência contra jornalistas cresce**. Fenaj.org.br. 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em 26 de junho de 2022.

FERREIRA, Eric Duarte; AGNOLETTO, Ana Cristina; SERAGLIO, Maruana Kássia Tischer. **O discurso bolsonarista sobre o viés ideológico na pandemia da COVID-19**. Heterotópica, v. 3; n. 1, 2021.

FERREIRA, C.L.F. **O Caráter singular da língua na análise do discurso**. Organo-Discorso, Língua e memória. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003. Pag 189-200

G1, 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/ano-de-2020-tem-recorde-de-ataques-a-liberdade-de-imprensa-desde-inicio-da-serie-na-decada-de-1990-diz-fenaj.ghtml>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2023. Globo: **Casos de Violência Contra a Imprensa**.

MAGALHÃES, Belmira; RAMIRES, Lídia. **Mulher, telejornalismo e estereótipos: classe social, gênero e raça**. Leitura, Maceió, n. 69, mai./ago. 2021. Dossiê Especial "Discurso, Gênero, Resistência" p. 279-294



ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Ponte, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995. [ed. original publicada em 1975].

TEJADA, Bruna Vitória; VINHAS, Luciana Iost. **Aquilo que não pode deixar de ser dito: o efeito de pré-construído do discurso machista**. Letrônica, v. 13, n. 2, p. e36120-e36120, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis Insular, 2. ed., 2005.

Violência de Gênero Jornalismo, 2023. Disponível em: <https://violenciagenerojornalismo.org.br/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji): **Violência de gênero contra jornalistas**.